

## O rancho

→ **Classificação:** Episódio de história de vida

→ **Assunto:** Relato de um episódio em que uma mulher foi perseguida por um vitelo no rancho onde trabalhava.

→ **Região:**

- **Distrito:** Lisboa
- **Concelho:** Torres Vedras
- **Localidade:** Matacães

→ **Entrevistado:**

- **Nome:** Maria da Restauração
- **Data de nascimento:** 1936
- **Residência:** Matacães

→ **Vídeo:**

- **Entrevista:** Filomena Sousa
- **Data de Recolha:** Fevereiro 2010
- **Filmagem:** José Barbieri
- **Duração:** 00:03:29

→ **Transcrição:**

- **Transcritor:** Ana Sofia Paiva
- **Data de Transcrição:** Setembro 2012
- **Palavras:** 499

→ **Versão literária:**

- **Execução:** Ana Sofia Paiva
- **Data de execução:** Setembro 2012
- **Palavras:** 491

## O rancho

Eu tinha dez anos quando fui para Vila Franca, para o arroz; arranjar chão para arroz. Arranjar chão e depois dispor, não é? E nós dormíamos numa casa assim... numa casa ampla, digamos, como esta. Mas ficava longe do trabalho, saíamos de manhã e vínhamos à noite. E depois como aquilo era muito longe, o que é que o patrão destinou? De arranjar uma... quer dizer, assim uma cabana qualquer mais no sítio do trabalho para a gente lá ir. Íamos para lá na Segunda e vínhamos à Sexta para o quartel.

Aquilo era feito com caniços e era... Como sabem, em Vila Franca havia muito gado bravo. Agora já não há tanto, não é? Mas antigamente havia muito gado bravo. Quer dizer, depois era assim: a gente lá dentro da cabanazeca e os bois com os cornos enfiados a furar os caniços! E a gente, quer dizer... Aquilo era no meio do campo e a gente para fazer xixi tínhamos que vir à rua, não é? Durante a noite. E depois, e depois? Eles andavam ali de roda, de roda da cabanazeca e a gente às vezes lá íamos duas e três a espreitar... Agora ia uma fazer, depois ia outra fazer. E lá fazíamos aquilo. Depois quando nós de manhã nos levantávamos para ir para o trabalho, não é, os animais andava ali tudo de volta. A gente depois era de gritar! Gritar para nos virem tirar os bois que a gente queria ir para o trabalho. Quer dizer, o caseiro é que chamava o pessoal.

Bem, havia lá uma vaca que tinha um vitelozinho e vai correr atrás de uma tia minha. E o homem que tomava conta do gado:

- Deite-se, deite-se, deite-se!

Porque quer dizer, o animal, se a pessoa se deitar e não respirar, ele esgravata mas pensa que a pessoa está morta e vai-se embora. E ele diz:

- Deite-se, deite-se!

Ela deitava-se mas era uma gaita! Não se deitava. Cada vez corria mais! Corria mais, mas a mulher lá se desengonçou e caiu. Caiu e depois a vaca, quer dizer, esgravatou, esgravatou, foi-se embora. Foi-se embora e aquilo depois chegou o [...] e sacudiu-a. Mas ela diz:

- Ai, filhas... Ai, filha, que eu ia morrendo aqui com um susto tão grande...

E depois diz ela assim:

- Ai, ó senhora minha tia, está morta! Ai, ó senhora minha tia, está morta!

E de maneira que depois ela diz assim:

- Eu nunca mais para aqui venho! Nunca mais para aqui venho!

Mas a gente precisava de ganhar o pão para comer. Eu era caneca, tinha dez anos quando para cá vim. Ela é que, pronto, ela já era uma mulher feita, não é? E então ela é que mais ou menos vinha tomar conta de mim e da minha irmã, porque ela era irmã do meu pai. Mas aquilo... Mas o homem:

- Deite-se, deite-se!

- Eu deito-me mas é uma bola!

*Informante: Maria da Restauração*

*2010/Torres Vedras*